

Apresentação

Anderson Ferrari*

Claudia Maria Ribeiro**

Elizabeth Franco Cruz***

DOI: 10.1590/0103-7307201607901

As temáticas apresentadas no conjunto de artigos deste dossiê são frutos de estudos e discussões que vêm sendo produzidos de forma interdisciplinar e interinstitucional sobre relações de gênero e sexualidades por um grupo de pesquisadores e pesquisadoras de diferentes instituições: Universidade de São Paulo, Universidade Federal de Lavras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia e Faculdade de Americana. Aproveitamos a oportunidade desta publicação e convidamos pesquisadores da Universidade do Novo México para o estabelecimento de diálogos e reflexões sobre as temáticas a que nos temos dedicado e que são aqui apresentadas. Nosso objetivo é contribuir para problematizar temas pulsantes que ainda permanecem marginais no âmbito da educação, a partir de teorizações da perspectiva pós-estruturalista e, principalmente, das contribuições dos Estudos Feministas, de Gênero, Culturais, *Gays* e Lésbicos e da Teoria *Queer*. Para isso nos interessa um olhar mais questionador para os aparatos culturais, também entendidos como textos culturais, ou seja, filmes, obras literárias, peças publicitárias, propagandas, TV, músicas, quadros, ilustrações, livros didáticos, leis, manuais, peças de museu, vestuário, vídeos. Aparatos que dizem coisas sobre si e sobre o contexto em que são produzidos, que transmitem significados repletos de sentidos, enunciados e discursos, resultando naquilo que é tomado como “verdade”.

Podemos pensar que esse sentido de uma obra humana se aproxima de “uma obra de arte, de um texto literário, educacio-

* Faculdade de Educação – FACED, Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, Juiz de Fora, MG, Brasil. aferrari13@globocom

** Departamento de Educação - Universidade Federal de Lavras, Lavras, MG, Brasil. ribeiro@ded.ufla.br

*** Escola de Artes Ciências Humanidades, Universidade Estadual de São Paulo – USP, São Paulo, SP, Brasil. betefranco@usp.br

nal, histórico, de uma sinfonia ou de um monumento que está aberto ao politeísmo interpretativo” (Teixeira & Araújo, 2011, p.61). Traduzimos esse politeísmo em muitíssimas imagens que habitam pinturas, esculturas, monumentos, códigos jurídicos, rituais, costumes, vestuários e todos os temas que constam dos artigos deste dossiê: os romances, os filmes, as histórias pessoais, as minisséries, os filmes de animação, dentre outros. Assumimos a “provocação” de Veiga-Neto (2012), quando diz que “é preciso ir aos porões”, argumentando, a partir da obra de Bachelard (2003), que “viver apenas num andar é viver bloqueado. Uma casa sem sótão é uma casa onde se sublima mal; uma casa sem porão é uma morada sem arquétipos” (p. 73). Questões de fundo que dizem de processos educativos e que nos inspiram para discutir gênero, sexualidades e educação. Inúmeras viagens aos porões da casa! “As idas aos porões nos mostram que o mundo social tem história e é bem mais complexo do que nos fizeram supor as metanarrativas iluministas da totalidade” (Veiga- Neto, 2012, p. 268). Complexidades, ambiguidades, paradoxos assumidos para desencadear as problematizações ativando fantasias, reabilitando o estatuto do imaginário, do símbolo, das metáforas imbricadas no cotidiano.

Assim, diante desse tempo histórico, dominado pela produção, “encontra-se um tempo poético e erótico, um tempo do corpo amoroso, um tempo segundo e oculto, em torno do qual se organiza a perduração da socialidade” (Maffesoli, 1985, p. 47). Entretanto, os desafios são imensos, pois as problematizações são intensas, advindas das questões relacionadas às relações de gênero, formas do feminino, homossexualidades, identidades, amizade, HIV/AIDS, famílias, subjetivação, infância, inclusão, morte/luto, vida, teoria *queer*, éticas, estéticas da existência, poder, resistências. Todas essas questões clamando para sair do fundo e ir ao fundo, aos porões. Os textos que apresentamos são interpelações que levam às várias direções. A primeira interpelação se refere a pensar a educação diante disso que anteriormente mencionamos e que transborda por entre casas e porões.

Que significa, para a educação, o fato de que nasçam seres humanos no mundo? Que significa que a educação seja justamente uma relação com a infância entendida simplesmente como uma relação com aquele que nasce? A educação é o modo como as pessoas, as instituições e as sociedades *respondem* à chegada daqueles que nascem. A educação é a forma com que o mundo

recebe os que nascem [itálicos no original]. Responder é abrir-se à interpelação de uma chamada e aceitar uma responsabilidade. Receber é criar um lugar: abrir um espaço em que aquele que vem possa habitar; pôr-se à disposição daquele que vem, sem pretender reduzi-lo à lógica que impera em nossa casa. (Larrosa, 2003, p.188)

Se a educação é essa abertura em relação à lógica que impera em nossa casa, não seria importante como tarefa existencial repensarmos continuamente a racionalidade que sustenta não só nossos fazeres educativos, mas nossos modos de construir, constituir e habitar a(s) casa(s) em que vivemos? Abrir porões, transitar por entre cômodos de nossa própria casa é algo fundamental, mas também é importante abrir janelas, abrir a porta da rua, sair para a rua, deixar as visitas entrarem e então fazer um trabalho sobre si a partir do encontro com as diferenças.

E esse é o segundo ponto que nos motiva a pensar este dossiê. Em uma sociedade heteronormativa, que busca classificação, hierarquização, as diferenças ocupam muitos lugares – desde possibilidade de encontro enriquecedor até motivo de estigma e discriminação. Temos resistências, mas também temos visto o preconceito prosperar diante da necessidade de controle dos corpos, dos

sujeitos, dos nomes e dos padrões de existir. Processos que nos levam a pensar sobre a poética da diferença e um tipo de fascismo homogeneizador, que não atravessa somente grandes políticas de Estado, mas se manifesta no cotidiano. Diante dele é preciso resistir, como sinaliza Gallo (2009):

Em épocas em que grassa o fascismo – não necessariamente o grande fascismo, o fascismo de Estado, mas aquele fascismo cotidiano do qual somos todos, a um só tempo, vítimas e agentes –, é urgente que se construa uma outra moral. Não se deixar levar pela vaga dominante, não sucumbir. Ao contrário produzir novas formas de se relacionar consigo mesmo, com os outros, com o mundo. (p. 363)

Nessa direção pensar e valorizar as desconstruções, as interpelações, as fissuras é algo importante para a educação e também para nossa sociedade, nossa cultura. Neste dossiê nos dedicamos a problematizar essa busca no âmbito das relações de gênero e sexualidades e de temáticas que estão entrelaçadas a essas questões, lembrando da advertência de Gallo (2009):

o fascismo é um inimigo que está em nós, em cada um de nós. Portanto, é

necessário o cuidado consigo mesmo, para não permitir que emerja em nós o fascista que nos habita. É necessário um árduo trabalho sobre si mesmo. (pp.371-372)

Esse trabalho árduo sobre si mesmo remete à tarefa de, individual e coletivamente, pensarmos qual é a estética da existência que temos bordado nas nossas práticas cotidianas, aquelas que estabelecemos conosco e com os outros. Cabe pensar se a diferença é ameaça, mote de desqualificação, de extermínio ou fagocitação. Visitar o porão é importante, de maneira que não estamos trabalhando com a dicotomização entre ficar fechado ou abrir sótãos. Entendemos, assim, que esse é um processo de idas e vindas, capazes de construir novas formas de existência, inclusive para a existência de uma educação poética:

Uma educação poética é uma educação que sabe que o ser humano está de passagem no mundo, que somos convidados da vida. Uma educação poética é uma educação que sabe que a palavra humana é plural e que esta palavra, ou palavras, tem sentido não somente pelo que dizem, pelo que podem dizer, mas também e essencialmente pelo indizível, pelo silêncio, pelo testemunho,

pela alteridade, pela ausência. E também pela fragilidade e a vulnerabilidade, pela mestiçagem e a fronteira, pelo desaparecimento de pontos de referência estáveis e absolutos. (Mèlich, 2001, p. 279)

Esperamos que a leitura destes textos remeta às experiências, e que as palavras e as ideias convidem a (re) pensar modos de existência. Mais do que isso: que dançam, façam piruetas, abram janelas, portas, saiam a bailar pelas ruas.

Referências bibliográficas

- Bachelard, G. (2003). *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes.
- Gallo, S. (2009). Entre Édipos e o Anti-Édipo: estratégias para uma vida não-fascista. In M. Rago, & A. Veiga-Neto, *Para uma vida não-fascista*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Larrosa, J. (2003). *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas* (A. Veiga-Neto, trad., 4a ed.). Belo Horizonte: Autêntica.
- Maffesoli, M. (1985). *A sombra de Dionísio. Contribuição a uma sociologia da orgia*. (A. R. Trinta, trad.). Rio de Janeiro: Graal
- Mèlich, J.-C. (2001). A palavra múltipla: por uma educação (po)ética. In J. Larrosa, & C. Skliar (Orgs.), *Habitantes de Babel – políticas e poéticas da diferença* (S. G. da Veiga,

trad.). Belo Horizonte: Autêntica.
Teixeira, M. C. S., & Araújo, A. F. (2011). *Gilbert Durand: imaginário e educação*. Niterói: Intertexto.
Veiga-Neto, A. (2012, maio/agosto). É preciso ir aos porões. *Revista Brasileira de Educação*, 17(50), 267-282.

Submetido à avaliação em 14 de junho de 2015; aprovado para publicação em 21 de agosto de 2015.

